O Dr. Pires Martins e a União Portuguesa de Budo

José Araújo

No início do ano lectivo de 1966/67, tinha eu ainda dez anos, fui levado pela mão de meu Pai à Academia de Budo, situada na Rua Visconde de Seabra, perto de nossa casa. O seu objectivo era o de contribuir para a minha formação integral, segundo o seu ideal de "*mens sana in corpore sano*". Já frequentara desde os meus três anos algumas instituições destinadas a equilibrar a minha natural tendência para as actividades do espírito com a actividade física, mas, ao entrar naquela casa, compreendi que tudo iria ser diferente a partir desse momento. A primeira pessoa que aí conheci, de fato escuro, estava num pequeno gabinete à esquerda de quem entrava. Tratava-se do Dr. Luís Franco Pires Martins, o Director da Academia. Esta passou a ser, quase todos os dias a partir dessa data e até ao seu encerramento na década de 80, com breves interregnos devidos a circunstâncias várias, a minha segunda casa. A sua figura tutelar acompanhou-me durante todo o tempo em que ali pratiquei, até muito mais tarde, quando tive a honra de ser convidado para integrar o distinto grupo de sócios da União Portuguesa de Budo, de que ele foi, durante muitos anos, membro destacado da Direcção. O nosso contacto regular só terminou quando, por motivos de saúde, pediu para ser substituído no cargo. Tive ainda a honra e o prazer de o encontrar durante vários anos em casa da viúva do Mestre Corrêa Pereira, em encontros de carácter social, onde devo realçar muito particularmente as comemorações do aniversário natalício do Mestre, nos dias 18 de Julho, e nas passagens do ano. Deixei de o ver, enfim, quando a sua doença e outros problemas o impediram de estar presente nessas ocasiões festivas.

Iniciei a minha prática do Budo nesse ano de 1966. Nunca fui directamente seu aluno, pois nessa época já ele tinha formado outros mestres, que se ocupavam da prática lectiva. Guardo ainda a imagem das minhas primeiras aulas de Karate-do, orientadas por essa extraordinária figura que era o Dou-

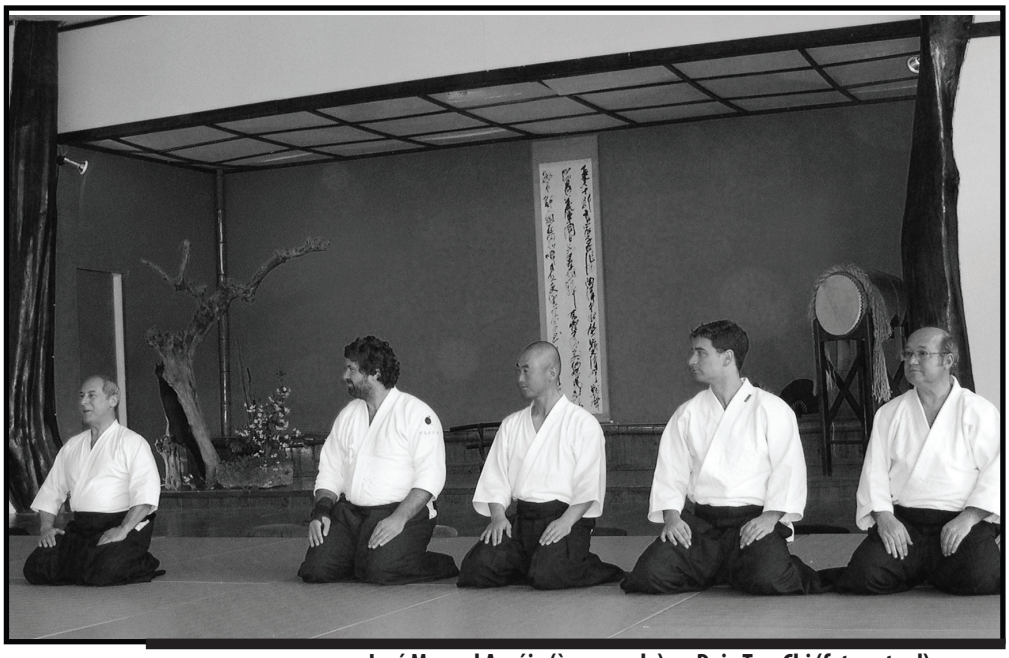
tor Fragoso Fernandes, para mim, naquela época, a incarnação das virtudes físicas, técnicas e morais do *Budoka*. A precisão do movimento, a energia que demonstrava na execução do *Kihon*, a sua exigência para consigo e para com os outros, deixaram marcas inapagáveis na minha concepção do Budo como prática no *Dojo* e fora dele. Aluno desde o primeiro dia do Dr. Pires Martins, transpôs para o contacto com os alunos que se iniciavam a sua visão, como tive desde então o ensejo de confirmar.

Por várias razões, interrompi a prática do Karate-do algum tempo depois, continuando apenas a do Aikido, disciplina que também lhe deve a sua introdução em Portugal, tendo retomado o seu estudo na década de 70, quando já o Mestre Murakami tinha feito o seu primeiro estágio em Portugal. Envergando o meu modesto cinto verde, observava com grande reverência o treino dos cintos negros, onde sobressaíam os Mestres Mário Rebola, Manuel Ceia, Alexandre Gueifão, António Lima e Raul Cerveira, e já o Mestre Leopoldo Ferreira se fazia notar pelas suas extraordinárias qualidades.

Penso que é justo que recorde aqui as circunstâncias que rodearam a introdução do Aikido em Portugal. O Dr. Pires Martins era, como sabem todos os que com ele conviveram, uma pessoa de múltiplos interesses culturais. Desde cedo se interessou por outras formas de Budo, para lá do Judo marcial e do Ju-Jutsu. Sabendo que entre os seus alunos contava com um praticante de Aikido, Daniel Laurent, pediu-lhe para iniciar uma classe dessa disciplina, que ele particularmente apreciava. Esta teve lugar em 1965, tendo Laurent colocado como condição que se contactasse o seu professor, o Mestre Georges Stobbaerts, para que fosse ele a tomar a seu cargo a orientação da classe.

Data desse período a minha entrada na Academia de Budo. A classe de Aikido era então orientada pelo Carlos Pereira, que recordo com saudade. O Mestre Stobbaerts dirigiu depois um estágio de Aikido na Academia, onde obtive a minha primeira graduação. Algum tempo depois, criou o seu próprio dojo, que passou a congregar uma parte muito significativa dos praticantes de Aikido, o que esteve na origem de um interregno temporário desta classe na Academia.

Nos anos 70 voltei a dedicar-me ao Karate-do, deixando de lado por alguns períodos a prática do Aikido. Nessa época, o Dr. Pires Martins tinha conseguido assegurar a permanência em Portugal do Mestre Honda, que deu por muito tempo o seu contributo à Academia de Budo, mas que procurou entretanto outros locais para ensinar, que lhe assegurassem a sobrevivência financeira. Entretanto, coube ao Mestre Leopoldo Ferreira a orientação desta secção na Academia. A sua relação com o Dr. Pires Martins foi de particular relevância, tendo-o acompanhado em muitas circunstâncias da sua vida particular. No meu caso, ainda adolescente, esse contacto limitava-se à Academia. No entanto,



José Manuel Araújo (à esquerda) no Dojo Ten-Chi (foto actual)

sempre procurou com a maior simpatia manter-se a par da minha evolução e dos meus interesses. Conhecedor da minha ligação à Música, várias vezes me abordou para o ajudar a conseguir determinado disco que o interessava no momento, tendo-me alargado os horizontes, ao compartilhar o seu gosto pela música argentina, muito especialmente pelo tango e por Carlos Gardel. Isso obrigou-me a procurar, a ouvir e, por fim, a interessar-me também por outros tipos de música para lá da música erudita.

Recordo ainda um dia em que, ao chegar à Academia para mais uma aula, ele me ter chamado para expressar a sua satisfação pela publicação de uma entrevista em que participei, concedida por alguns praticantes ao jornal "A Capital", em 1972, por ocasião de um artigo sobre a legislação que iria atribuir à CDAM as competências para a regulação das artes marciais em Portugal. Agradeceu as minhas palavras, que considerou muito ajustadas, embora, na altura, eu não tivesse a noção precisa de que a nova legislação iria trazer à União Portuguesa de Budo mais um período de luta pela defesa dos mais altos valores do Budo, como já tinha passado antes, durante os longos anos que levaram à aprovação do seu Estatuto, em 1960.

A sua modéstia natural, aliada à sua figura quase ascética, faziam dele uma personagem quase mítica, pelo menos para os praticantes mais jovens. Recordo a época em que passámos a ver exposto na parede da entrada da Academia um diploma em japonês assinado pelo Presidente da Federação de Karate-do de todo o Japão, que lhe atribuía o 4º Dan honorífico nesta disciplina. A

O Engenheiro Durão e José Araújo

partir desse dia, a nossa admiração e respeito atingiram um nível ainda mais elevado. Penso ser do maior interesse transcrever aqui alguns excertos de uma entrevista ao jornal "A Capital" de 3 de Outubro de 1971, por ocasião da atribuição pela FAJKO (*Federation of All Japan Karate-do Organizations*) do grau de 4º Dan honorífico, em reconhecimento da sua acção no desenvolvimento do Karate-do em Portugal:

> *"A que atribuo a graduação que me foi conferida? Bom, trata-se de uma pergunta a que é bem difícil responder. (…) Foi para mim uma surpresa. Nos últimos anos, os nossos contactos com personagens japonesas que ocupam cargos cimeiros nas organizações de Karate acentuaram-se notoriamente. (…) Entenderam que me deveriam atribuir, honorificamente, como recompensa pelos serviços prestados ao Karate no nosso País e pelos resultados obtidos, a graduação de 4º Dan. Muito humanamente, tal distinção sensibilizou-me e de certo modo desvaneceu-me, ainda que não me considere, de modo algum, merecedor de tanto."*
>
> *"Em 1963, coube à Academia de Budo, de que sou subdirector, o mérito da introdução (do Karate-do) em Portugal. No entanto,*

desejo salientar que todo o trabalho, por vezes bem árduo, que se realizou nesse campo desde então, só foi possível devido à perseverança anterior de um homem com conhecimentos extraordinários sobre Artes Marciais e de quem, muito injustamente, hoje pouco se fala. Refiro-me a António Corrêa Pereira, director da Academia de Budo. (Esta) teve um papel preponderante no desenvolvimento do Judo. Foi a primeira instituição a ensinar o Judo do Kodokan em Portugal, isto há cerca de 25 anos (em 1946), nas instalações da Rua de S. Paulo." (…) "O Karate, acima de tudo, é uma escola de disciplina, de autodomínio, de respeito pela hierarquia. Além da sua parte física, funcional, existe todo um treino de ordem espiritual, que procura obter do praticante uma ascensão no plano moral e mental. Assim, todo o progresso técnico funcional (defesa – ataque) é obtido lentamente e conjuntamente com um progresso de ordem moral e espiritual. Como já disse numa outra entrevista, os grandes mestres são de opinião que o Karate deve aliar à sua significação literal de "mãos vazias" o conceito "mãos vazias de qualquer arma, espírito vazio de qualquer mau pensamento". Sendo assim, (...) se quem ensinar, esquecer os princípios inerentes ao próprio Karate, (...) não está a ensinar Karate quem assim proceder".

Atravessamos mais uma vez uma época em que o valor intrínseco de uma arte marcial é colocado em segundo plano, em detrimento de manifestações laterais, como a abordagem desportiva, competitiva ou não, e a equiparação a desporto de combate, com toda a parafernália que acompanha uma sobrevalorização dos aspectos analíticos, sob uma capa de pretensa abordagem científica. Tudo isto me faz recordar com grande saudade as numerosas reuniões de sócios da União Portuguesa de Budo em que participou, mostrando sempre uma atitude de completo repúdio por tais atitudes, embora sem perder em momento algum a sua elevada educação e respeito pelos outros. Tenho pena que a sua saúde não lhe permitisse acompanhar-nos por mais tempo, agora que já não estamos sós neste caminho, com a integração de alguns dos praticantes mais graduados das várias disciplinas nessa prestigiosa entidade que é a Dai Nippon Butokukai, a associação para a defesa das virtudes marciais de todo o Japão, *alma mater* de todas as disciplinas do Budo. Tenho a certeza de que nos daria o seu total apoio, do mesmo modo como sempre se opôs a qualquer compromisso com outras organizações, embora tal atitude tivesse provocado o abandono de muitos praticantes para outras paragens.

Espero que a minha geração e, sobretudo, os vindouros, sejam dignos da sua herança de grande dignidade dentro e fora do dojo, sem ceder um milímetro a interesses alheios à preservação nos tempos actuais dos verdadeiros valores do Budo, que são intemporais. São eles que elevam a mera existência individual ao nível da Humanidade.

José Manuel da Silva Araújo
Praticante da Academia de Budo desde 1966 até ao seu encerramento. Professor de Aikido, praticante de todas as disciplinas do Budo, membro da Dai Nippon Butokukai e do Aikikai, actual presidente da Direcção da União Portuguesa de Budo.